

INQUÉRITO de CONJUNTURA

2º Trimestre de 2013

- O Nível de Atividade foi menos negativo
- Vendas caíram menos que no trimestre anterior
- Acentuou-se a quebra das vendas face ao período homólogo
- As previsões para o 3º trimestre apontam para nova contração nos negócios

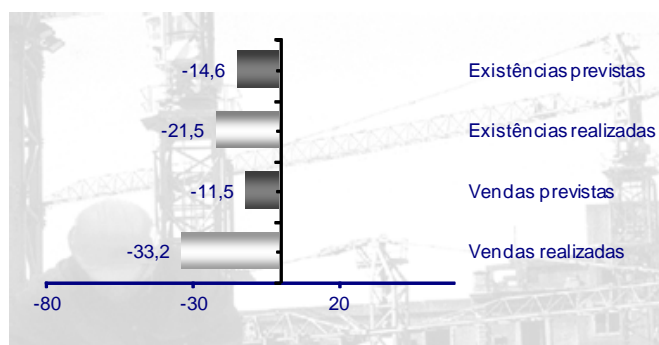
APRECIÇÃO GLOBAL

Apesar da continuidade das dificuldades e do volume de negócios ter ficado aquém das expectativas, a verdade é que o setor registou um claro abrandamento do ritmo da recessão no 2º trimestre do ano, em comparação com o que vinha a observar-se nos períodos anteriores.

De fato, o saldo negativo das respostas extremas (SRE) no indicador “vendas” melhorou significativamente (de -50%, para -33,2%), tendo a percentagem das empresas que afirmou a diminuição face ao período anterior baixado de 56,2% para 45,3%. No seu conjunto a maioria das empresas (54,7%) aumentou ou manteve as vendas, sendo que a percentagem das que afirmaram o seu aumento foi mesmo bastante significativa (22,1%).

O fato deste indicador ter ficado bastante aquém das previsões, encontra explicação no comportamento das vendas das empresas do subsector retalhista que foi claramente dececionante e que não foi totalmente compensado pelo desempenho, acima do previsto, do subsector armazenista.

VENDAS E STOCKS - 2º TRIMESTRE 2013
(SRE - saldo das respostas extremas)



O mesmo não se verificou, todavia, no campo dos stocks, em que a percentagem de empresas que afirmou ter diminuído as “existências” subiu dos 19,2% registados no trimestre anterior para os 30,2%, tal

como o SRE deste indicador que passou de -15,4% para -21,5%. Neste caso, o valor realizado ficou bastante além das previsões, indiciando que as empresas terão conseguido realizar uma maior correção no nível de existências, aliás em linha com o comportamento das vendas.

Desta vez, todavia, os dois subsectores, armazenistas e retalhistas, apresentaram diferenças muito significativas na maioria dos indicadores, algumas de sinal contrário.

2º TRIMESTRE DE 2013

Indicadores	SRE - saldo das respostas extremas (%)		
	Sector	Armazenistas	Retalhistas
Vendas	- 33,2	+ 48,0	- 54,1
Existências	- 21,5	- 1,9	- 30,0
Preços	- 16,8	- 5,8	- 21,6
Atividade	- 26,7	0,0	- 53,3
Vendas homólogas	- 50,0	- 47,3	- 53,4

Neste 2º trimestre, com exceção da evolução das “vendas homólogas”, as empresas armazenistas evidenciaram um comportamento positivo em todos os outros indicadores, particularmente nas “vendas trimestrais” e no “nível de atividade”, ao contrário do que se verificou ao nível das empresas retalhistas que, em alguns casos, viram mesmo agravar-se a situação.

É importante sublinhar que no seu conjunto, as empresas armazenistas tiveram um desempenho neste trimestre que pode até ser considerado anormalmente bom, pese a fragilidade do mercado que o comportamento medíocre do conjunto do setor revela. De fato, mesmo tratando-se de uma amostra reduzida, é significativo que apenas 20% dos inquiridos tenham qualificado como “deficiente” o nível de atividade neste período e que 69,2% das respostas afirmem o aumento das vendas face ao trimestre precedente.

Talvez por isso, a estabilidade dos preços de venda, tendo sido a regra no subsector armazenista, foi contrariada pelas descidas observadas no segmento retalhista, contribuindo para acentuar uma ligeira tendência de descida que se repercutiu sobretudo nos grupos de produtos de “aquecimento e refrigeração de água e ambiente”, “pavimentos de madeira e cortiça”, “produtos de fibrocimento (chapas, depósitos, etc.)” e “artefactos de cimento”.

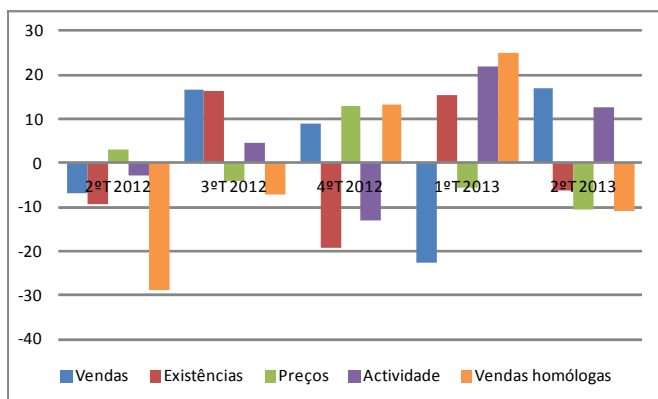
2º TRIMESTRE DE 2013
(variação dos valores do SRE - saldo das respostas extremas - face ao trimestre anterior)

Indicadores	Variação do saldo das respostas extremas em pontos percentuais		
	Sector	Armazenistas	Retalhistas
Vendas	+ 16,8	+ 87,3	+ 4,0
Existências	- 6,1	+ 5,2	- 8,4
Preços	- 10,7	- 7,6	- 9,5
Atividade	+ 12,6	+ 43,8	- 20,1
Vendas homólogas	- 10,7	- 9,8	- 11,8

(sinal "-" indica pioria ou diminuição; sinal "+" indica melhoria ou aumento)

A evolução trimestral do setor teve um comportamento genericamente favorável. Do lado positivo, regista-se a apreciação das "vendas", do "nível de atividade" e das "existências" (neste caso, o sinal negativo significa, por comparação com o sinal positivo das vendas, uma correção desejável do nível de stocks). Por outro lado, com um sinal francamente negativo, evidenciam-se as "vendas homólogas" e os "preços de venda".

VARIAÇÃO DOS VALORES DOS SALDOS DAS RESPOSTAS EXTREMAS FACE AO TRIMESTRE ANTERIOR

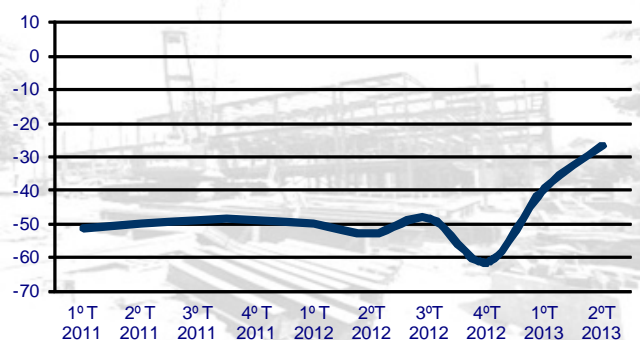


A melhoria do "nível de atividade" e a diminuição da intensidade da redução das "vendas" das empresas do setor, ainda que esperadas, constituíram os fatos mais significativos deste 2º trimestre de 2013. Este comportamento teve origem, sobretudo, no subsector armazenista, já que entre os retalhistas a maioria das empresas terá tido um desempenho deficiente.

Entre as causas invocadas pelas empresas que prejudicaram a respetiva atividade, destacaram-se a "falta de encomendas" com 81,8% das respostas, seguidas pelos "encargos de distribuição" e pelas "dificuldades de tesouraria" referidas ambas por 27,3% dos inquiridos. O "não cumprimento de prazos de entrega pelos fornecedores" foi indicado por 18,2% das respostas.

O recurso ao crédito bancário para financiamento da atividade corrente diminuiu face ao trimestre anterior (30%, contra 39,3%), verificando-se, uma vez mais, a prevalência das empresas armazenistas (40% das respostas), ao contrário do segmento retalhista em que a utilização do crédito bancário foi referida por 20% (33,3% no trimestre anterior). A percentagem das empresas que utilizou o crédito bancário para investimento foi de 6,7%.

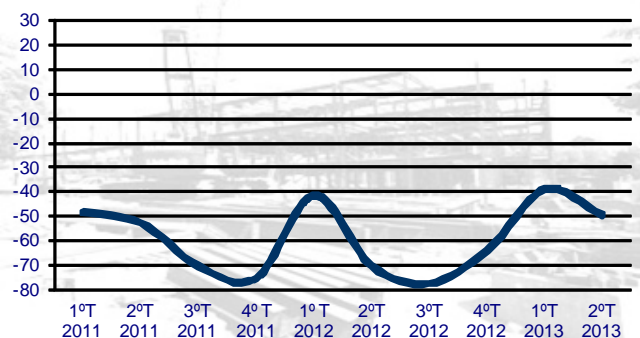
EVOLUÇÃO DO NÍVEL DE ATIVIDADE (SRE - saldo das respostas extremas)



A evolução do indicador "vendas homólogas" permaneceu fortemente negativa e foi mesmo pior que a registada no último trimestre.

Na verdade, o saldo negativo das respostas extremas observado neste 2º trimestre de 2013 foi superior ao observado no trimestre anterior (-50%, que compara com -39,3% no 1º trimestre), destacando-se o fato de apenas 13,3% das respostas, em ambos os segmentos, terem afirmado um aumento de vendas face ao 2º trimestre de 2012. Já a diminuição das vendas face ao trimestre homólogo foi afirmada por 63,3% das empresas que responderam ao inquérito.

VOLUME DE VENDAS COMPARADO COM O MESMO PERÍODO DO ANO ANTERIOR (SRE - saldo das respostas extremas)



As previsões para o 3º Trimestre de 2013 regressam a terreno negativo, não obstante os valores apurados no quadro abaixo apontarem para um cenário menos des-

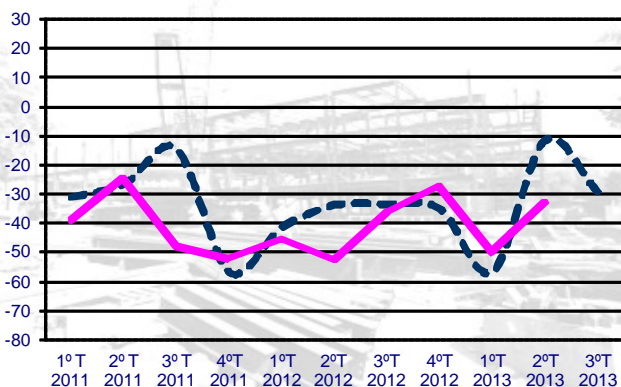
favorável que o dos trimestres anteriores, porventura devido à presença dos fatores benéficos de caráter sazonal e das próprias eleições autárquicas.

PERSPETIVAS PARA O 3º TRIMESTRE DE 2013

Indicadores	SRE - saldo das respostas extremas (%)		
	Sector	Armazenistas	Retalhistas
Cart. Encomendas	- 24,4	- 7,7	- 31,7
Vendas	- 29,1	0,0	- 41,7
Enc. Forneced.	- 31,4	- 1,8	- 43,3
Existências	- 24,4	- 3,8	- 33,4

Também, os bons resultados macroeconómicos do 2º trimestre poderão vir a traduzir-se em fatores positivos de animação do setor a curto prazo, quer através de algum acréscimo do consumo privado, quer pela dinamização do setor do turismo que parece estar a consolidar-se.

Vendas Previstas e Vendas Realizadas
(saldo das respostas extremas)



Não obstante haver alguns sinais de abrandamento da recessão e algumas expectativas positivas, não podemos negligenciar os indicadores objetivos mais recentes sobre o setor da construção e do imobiliário.

E a verdade é que os mais recentes dados de conjuntura no setor da construção divulgados pelo INE, seja o comportamento do índice de produção, seja o desemprego, seja a evolução do próprio licenciamento de obras, continuam, apesar de tudo, a não dar qualquer sinal de retoma.

De fato, o índice de produção no sector da construção e obras públicas apresentou um decréscimo de 3,48% no segundo trimestre de 2013 quando comparado com o primeiro trimestre do ano e uma variação homóloga de -16,3% (-23,7% no trimestre anterior), o que correspondeu a uma diminuição de 16,5% na construção de edifícios e de 16,1% nas obras de engenharia.

Por outro lado, o número de trabalhadores da construção sofreu uma redução significativa durante o 2º tri-

mestre do ano, diminuindo para 301,9 mil, o que traduz uma destruição de 11,2 mil postos de trabalho face ao trimestre anterior. Esta queda acentuada (-19,4% relativamente ao mesmo trimestre do ano anterior) fez da construção o único setor a sofrer, no trimestre em análise, uma redução homóloga de 2 dígitos.

A redução das obras licenciadas foi também menos intensa, mantendo, todavia o sinal negativo, com a variação trimestral a ficar pelos -1,7% (contra -8,4% no 1º trimestre). No mesmo sentido, a variação homóloga trimestral registou uma diminuição de 18% (-24,4% no trimestre anterior).

Já no que concerne ao número de licenças de obras de reabilitação verificou-se, pelo contrário, um forte decréscimo, em termos trimestrais, de 12,1%, acentuando a perda de dinâmica já observada desde o 2º trimestre de 2012. A variação homóloga das licenças para obras de reabilitação no segundo trimestre de 2013 revela esse mesmo agravamento (-25,8%, contra -15,7% no trimestre anterior), tal como a variação anual média que se fixou em -16,5%, contra -11,2% no 1º trimestre de 2012.

Infelizmente, também o “Compromisso para a Competitividade Sustentável do Setor da Construção e do Imobiliário”, que com as suas 52 medidas, foi assinado entre o Governo e a CPCI - Confederação Portuguesa da Construção e do Imobiliário, tarda a ser implementado, tendo-se reduzido as poucas medidas tomadas a temas transversais e de caráter secundário, não abordando as questões centrais da calendarização do investimento público, da simplificação do licenciamento, dos apoios à reabilitação para o mercado do arrendamento, dos incentivos á eficiência energética e da internacionalização, isto para não falar das questões fiscais que foram deliberadamente deixadas de fora deste acordo face à intransigência do ministério das Finanças.

A verdade é que se continua a assistir, todos os dias, ao aumento das insolvências e à redução do crédito bancário que, naturalmente, acompanha a perceção do aumento de risco e das dificuldades financeiras das empresas e das famílias. As novas operações de crédito concedido para aquisição de habitação fixaram-se, nos primeiros seis meses do ano, num valor médio mensal de 158 milhões de euros, face a um valor de 523 milhões de euros/mês registado há dois anos atrás. Ao mesmo tempo, o crédito concedido às empresas do setor da construção continuou a diminuir e já é inferior a 19 mil milhões de euros, o que traduz um recuo para níveis de julho de 2004.

As intenções de investimento estão adiadas, aguardando os investidores pelo retorno da estabilidade do mercado (a eventualidade de um segundo resgate...), pela consolidação das regras laborais e por condições fiscais menos predatórias.

A banca, por seu lado, afogada em imóveis, concentrou os seus esforços e dedicou o pouco crédito disponível para facilitar a venda desses ativos, em detrimento do apoio a novos projetos, sejam eles de construção ou de reabilitação.

Resta o mercado de arrendamento para animar as atividades imobiliárias, mas a redução do rendimento das famílias está a fazer baixar o valor das rendas que assim ameaçam tornar-se incompatíveis com um rendimento adequado em face da fiscalidade exagerada que sobre elas impende.

Por fim, a dificuldade que o estado tem sentido em controlar o défice deste ano, refletiu-se já, no atraso no lançamento de concursos e nas respetivas adjudicações, sendo de admitir que as obras programadas para este ano não venham a ser executadas dentro do calendário estipulado e, provavelmente, algumas poderão ser adiadas para as “calendas”, mesmo que isso custe a devolução de muitos milhões à União Europeia...